

Usando maquetes e entrevistas na expressão de crianças em pesquisas sobre brincar

Using scale models and interviews towards children's expression in surveys about playing

Paula Sanders Pereira Pinto¹

Resumo: Considerando metodologias participativas um recurso fundamental para que crianças sejam tratadas como sujeitos de conhecimento e ação, o presente estudo teve por objetivo escutar crianças que brincam juntas, compreender como percebem espaços públicos onde brincam e como elaboram uma proposta coletiva de melhoria para os mesmos, através de entrevistas coletivas e maquetes. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório, descritivo e analítico, realizado com quatro crianças, de oito a onze anos, ambos os sexos, moradoras de um bairro popular de Salvador-BA. Os dados foram analisados através de categorias teóricas e empíricas. O estudo foi aprovado por um Comitê de Ética direcionado pela Plataforma Brasil. As crianças demonstraram sua capacidade argumentativa para falar sobre questões da infância, como os espaços para brincadeiras. A utilização de metodologia participativa e diferentes expressões de linguagem na pesquisa viabilizaram que os pensamentos das crianças fossem compreendidos, independentemente da faixa-etária e maturação cognitiva, respeitando-se maneiras de subjetivação.

Palavras-chave: maquetes, entrevistas, crianças, pesquisas, brincar

Abstract: Since participatory research methodologies are a key resource for treating children as subjects of knowledge and action, this exploratory, descriptive, analytical and qualitative study aimed to hear children playing together, understand how they perceive the public spaces where they play and how they formulate a joint proposal for their improvement by using scale models and collective interviews. Data from four eight-to-eleven-year-old children of both sexes dwelling in a low-income district of Salvador (Bahia, Brazil) were analyzed by means of theoretical and empirical categories. The project was approved by an Ethics Committee referred by "Plataforma Brasil". Subjects were shown to make use of their argumentative skills to talk about childhood-related matters such as children playing spaces. By using participatory research methodologies and different ways of language expression, the research design allowed for an understanding of the children's thoughts regardless of their age range and cognitive maturation, while respecting ways of subjectivation.

Keywords: scale models, interviews, children, surveys, play activities

1. Universidade Salvador- UNIFACS

Usando maquetes e entrevistas na expressão de crianças em pesquisas sobre brincar

Paula Sanders Pereira Pinto

Introdução

As crianças formam um grupo com ideias próprias, que se diferencia dos demais e cujos membros diferenciam-se entre si, considerando a presença de aspectos sócio históricos específicos. Estas pensam, imaginam e contribuem com perspectivas, criações e interpretações da realidade (Sarmiento, 2002; Soares, 2006). Pode-se dizer que um exemplo desta construção é a criação da cultura de pares, que pode ser entendida como um “conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores ou interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (Corsaro, 2009, p.32).

Na contemporaneidade as crianças estão em contato direto ou indireto com a realidade, o que possibilita uma aprendizagem de valores, estratégias de resolução de problemas e construção de sua identidade. Interação com outras crianças, sendo afetadas pelas culturas das quais participam, entretanto, não apenas a internalizam de uma forma passiva, mas contribuem ativamente para a produção e mudança cultural, criando suas próprias culturas (Corsaro, 2009). Estas são capazes de se apropriar, reinventar e reproduzir a cultura dos adultos. Corsaro (2011) utiliza o termo “reprodução interpretativa” para denominar esta habilidade.

As culturas da infância manifestam as culturas da sociedade na qual estão inseridas e fazem de uma forma diferente da cultura dos adultos, já que as crianças possuem uma representação simbólica própria sobre o mundo (Sarmiento, 2002). De acordo com Vygotsky (2000), é na idade pré-escolar que ocorre pela primeira vez uma separação entre a percepção através dos sentidos e o significado atribuído aos objetos, às pessoas e às experiências. A ação começa a surgir das ideias e não mais dos objetos. “Um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo” (p. 128). É o brincar que fornece um estágio de transição em direção à separação entre o significado e o objeto (Vygotsky, 2000), o que é fundamental para o desenvolvimento da representação mental acerca das experiências humanas.

A partir das discussões levantadas pode se considerar que novas formas de investigação com crianças são indispensáveis dentro de um contexto que acredita que estas são atores sociais (Sarmiento, 2002; Soares, Sarmiento & Tomás, 2004; Soares, 2006). As investigações participativas fazem parte desta proposta, utilizando diferenciados métodos que capturam as percepções da criança sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmas.

Ao longo de todo o século XX o foco das investigações sobre a infância esteve nos contextos onde a criança participava, tal como a escola e a família, investigando-se com os professores e pais, respectivamente, sobre qual o seu papel enquanto aluna ou filha e acreditando-se que assim se obteria um conhecimento acerca da criança. Entretanto, tal sistemática de investigação deixa claro o enviesamento do conhecimento acerca da infância; tratava-se de uma visão “adultocêntrica”, segundo Soares (2006), no qual as crianças não participavam como sujeitos ativos para a produção de conhecimento sobre infância. Os argumentos utilizados para a realização de tais desenhos de investigação sempre refletiam a crença sobre a incompetência psicológica das crianças em falarem sobre si (Soares, 2006 & Cruz, 2008).

Defende-se no presente artigo que desde muito pequena a criança já é capaz de se expressar acerca das questões que lhes dizem respeito. De acordo com Vygotsky (2000), em

estágios bastante precoces do desenvolvimento é possível perceber a potencialidade para o uso dos signos na infância. Desde que se constituem começam a interagir socialmente e acumular impressões, gostos, antipatias, desejos e medos, desenvolvendo sentimentos e percepções e atribuindo significados diversos acerca do mundo (Pino, 1995) e é através desta linguagem que elas se expressam. Com o amadurecimento, a fala adquire função sintetizadora e instrumental para se atingirem formas cognitivas mais complexas. Através da fala a criança supera as limitações imediatas de seu ambiente e se prepara para atividades futuras, planeja, ordena e controla o próprio comportamento e o dos outros. Uma vez internalizada, passa a fazer parte dos processos psicológicos superiores (Vygotsky, 2000).

A cada período do desenvolvimento a criança adquire meios para intervir de forma competente em seu mundo e em si mesma. Segundo Sarmiento (2005):

... as crianças são competentes e tem capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos e de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia (p.373).

Compreende-se que novos conhecimentos acerca de como as crianças aprendem e se desenvolvem auxiliam para a ampliação do conceito de criança, deixando claras as inúmeras possibilidades e especificidades da infância (Cruz, 2008). Dentro desta proposta a investigação participativa refere-se a um procedimento metodológico onde investigador e investigado são parceiros no processo de investigação e há um equilíbrio de autonomia, cooperação e hierarquia com e entre pessoas, com um compartilhamento das responsabilidades de tomada de decisão. Os significados presentes terão sempre uma dupla interpretação, a das crianças e dos adultos participantes (Soares, 2006; Soares, Sarmiento & Tomás, 2004).

De acordo com Soares, Sarmiento e Tomás (2004), alguns princípios éticos precisam ser seguidos nesta proposta metodológica. (1) deve sempre existir uma valorização da voz e ação das crianças, não admitindo sua pseudoparticipação. (2) as crianças precisam saber os objetivos e dinâmica da investigação para assim se voluntariarem. (3) as estratégias e recursos metodológicos devem ser diversificados de modo que as crianças participem do seu jeito. (4) as estratégias éticas não devem ser estabelecidas previamente, mas construídas continuamente, considerando a idade das crianças, grau de competência e experiência, contexto sociocultural e gênero.

A depender dos objetivos da pesquisa é importante incluir as crianças nas decisões sobre os próprios procedimentos, questionando sobre o que querem dizer ou mostrar e como desejam fazer isso, com a finalidade de comunicar sua experiência para outras pessoas (Rocha, 2008). Deve-se utilizar recursos metodológicos sensíveis à faixa-etária da criança e seu contexto cultural (Campos, 2008). Para tanto, sugere-se a utilização de técnicas que permitam uma maior participação das crianças, tais como técnicas gráficas (Soares, 2006; Francischini & Campos, 2008; Rocha, 2008), interlocuções verbais, fotografias, desenhos, mapas, maquetes, entre outros, de modo que possibilitem uma valorização e expressão maior de suas competências (Rasmussen, 2004; Elsey, 2004; Soares, Sarmiento & Tomás, 2004). Algumas pesquisas já têm sido realizadas com este propósito participativo em diferentes locais do mundo, tendo obtido bastante sucesso a respeito do conhecimento acerca da infância e de suas especificidades (Rasmussen, 2004; Elsey, 2004; Gomes, 2013).

Considerando-se as metodologias participativas um recurso fundamental para que as crianças sejam tratadas como sujeitos de conhecimento e ação e como sujeitos competentes racionais, o presente estudo teve por objetivo escutar crianças que brincam juntas, compreender como percebem os espaços públicos onde brincam e como elaboram uma proposta coletiva de melhoria para o mesmo, através do uso de entrevistas e da

construção de maquetes.

Método

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e analítico, de caráter qualitativo, onde foi feita uma investigação participativa com crianças. Esta perspectiva metodológica foi escolhida uma vez que pareceu a opção mais adequada relativamente ao que se propunha a fazer, ou seja, a escuta das crianças a respeito dos espaços onde brincam. Este procedimento metodológico prevê que o investigador e o investigado sejam parceiros no processo de pesquisa, havendo um equilíbrio de autonomia, cooperação e hierarquia com e entre pessoas, com um compartilhamento das responsabilidades de tomada de decisão. Os significados presentes tiveram uma dupla interpretação, a das crianças participantes e a da pesquisadora (Soares, Sarmiento & Tomás, 2004; Soares, 2006).

Teve como contexto uma rua de um bairro popular localizado em Salvador-BA, com casas tipicamente de baixa renda. Esta rua pode ser considerada larga e reúne muitas casas e prédios residenciais e também pontos comerciais, como uma fábrica de sapatos, um salão de beleza e uma oficina mecânica, que ocupa as calçadas com os carros que estão aguardando conserto. O grupo de participantes foi composto por quatro crianças, com idades entre 8 e 11 anos, residentes na referida rua. A inclusão das crianças no estudo foi por acessibilidade aos pesquisadores.

Como o objetivo era escutar as crianças, escolheu-se instrumentos metodológicos que transmitissem sua criatividade, interpretação e sentimento ao falar sobre suas vivências no espaço onde elas brincavam, assim foram utilizadas entrevistas em grupo e maquetes. A entrevista com crianças ainda é uma técnica relativamente pouco explorada na literatura, já que a criança ainda costuma ser considerada como incapaz de falar sobre suas próprias questões, entretanto, alguns autores tem salientado a importância e o sucesso da técnica ao se escutar crianças, desde que se escolha adequadamente o tipo de pergunta para cada faixa-etária e se tenha qualidade e adequação dos recursos de amostragem, registro e análise utilizados. A entrevista é um bom recurso também de complementação de dados, no caso da utilização de outros instrumentos, como as maquetes (Carvalho, Beraldo, Pedrosa & Coelho, 2004).

De acordo com Gouveia, Gomes & Miro (2014) as maquetes se configuram como um importante recurso metodológico, pois aproximam os conceitos trabalhados à realidade dos indivíduos, já que a utilização de materiais concretos favorece a assimilação e o processo de construção dos saberes. A fim de compreender o significado atribuído ao mundo pela criança, é fundamental recorrer à imaginação, que é desenvolvida a partir do que as crianças observam, experimentam e interpretam da experiência real. Tal interpretação pode ser utilizada em pesquisas com crianças através de técnicas visuais, que modelam suas percepções e contribuem para a elaboração do imaginário.

Os encontros com o grupo ocorreram em dois momentos, com um intervalo de uma semana entre um e outro e duração de cerca de uma hora cada encontro. Utilizou-se para tanto uma sala tranquila e livre de ruídos ou interferências de qualquer ordem, localizada em uma Instituição de caráter religioso na rua onde residiam. No primeiro encontro explicou-se os objetivos da pesquisa, indicando-se que seria feita uma entrevista em grupo e que seriam abordadas algumas questões a respeito dos espaços onde brincam na rua e sobre suas brincadeiras neste espaço e, em seguida, eles construiriam uma maquete de sua rua, incluindo suas casas e os locais onde brincavam. Em um segundo encontro a maquete seria reconstruída. O número de encontros e tempo necessário para cada qual foi informado e

construiu-se, juntamente com as crianças algumas regras para o funcionamento do grupo: 1) todos poderiam falar; 2) todas as respostas seriam respeitadas pelos colegas; 3) todos estariam livres para responder se quisessem as perguntas e para concordar ou não com os colegas. Caso quisessem poderiam discordar do colega ou apenas complementar o que falou; 4) ninguém deveria falar para outras pessoas fora do grupo sobre o que os colegas falaram, a não ser que o mesmo autorizasse. Após todos concordarem com as regras e não sugerirem alterações ou acréscimos nas mesmas, foi iniciada a entrevista em grupo.

A entrevista foi feita a partir das seguintes questões: 1) onde brincavam juntos nos espaços públicos do bairro; 2) de que eles gostavam de brincar juntos por lá; 3) qual o local preferido pelo grupo; 4) onde não gostavam de brincar e quais as coisas que atrapalhavam as brincadeiras deles; 5) sugestões para melhora do espaço de brincadeira. Após a resposta de cada questão, a seguinte era lançada, sendo que as crianças ficavam livres para respondê-las ou não, podendo concordar ou não com o colega e complementar sua resposta. Após esta etapa foi sugerida a construção da maquete de sua rua. No segundo encontro as crianças foram orientadas para modificar a maquete construída, introduzindo elementos ou alterando o que já existia, para que a maquete reproduzisse como gostariam que sua rua fosse estruturada para suas brincadeiras. Os dados foram produzidos em agosto de 2014.

Para a análise dos dados produzidos durante o encontro com as crianças foi utilizada a análise de conteúdos (Bardin, 1977), escolhendo-se a análise temática, onde se encontra os temas centrais do texto ou qualquer expressão linguística e criam-se categorias temáticas de análise. Considera-se que os dados são construídos ao longo da pesquisa, não se encontram prontos para o pesquisador apenas coletar.

Segundo Bardin (1977) o objetivo da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens, tanto no que se refere ao conteúdo quanto à expressão deste conteúdo, salientando indicadores que auxiliem na inferência de uma realidade diferente da mensagem. Durante a análise das falas das crianças foram seguidos os seguintes passos (Oliveira, 2008): 1) *Leitura flutuante*: após a transcrição das falas das crianças foi feita uma leitura exaustiva dos dados transcritos, com a finalidade do pesquisador se deixar impressionar por estes dados; 2) *Definição de hipóteses provisórias sobre o objeto estudado e o texto analisado*; 3) *Determinação das unidades de registro (UR)*: palavras, frases, parágrafos, temas, entre outros; 4) *Marcação no texto do início e final de cada UR observada*; 5) *Definição das unidades de significação ou temas*: cada tema foi composto por um conjunto de UR; 6) *Análise temática das UR*: os temas foram quantificados a partir dos números de UR, para cada entrevista; 7) *Análise categorial do texto*: foram definidas as dimensões nas quais os temas apareciam a partir dos temas determinados e da sua quantificação, os agrupando a partir de critérios teóricos ou empíricos; 8) *Tratamento e apresentação dos resultados*: a apresentação dos resultados foi feita a partir de descrições cursivas, acompanhadas de exemplificação de unidades de registro significativas para cada categoria, seguidos de descrições cursivas das falas das crianças; 9) *Discussão dos resultados e retorno ao objeto de estudo*: considerou-se que as categorias demonstravam a resignificação do discurso das crianças pelo pesquisador, com uma intencionalidade de rerepresentar o objeto de estudo, a partir de uma fundamentação teórica específica.

A partir dos objetivos propostos pelo estudo, e com base nos estudos de Elsey (2004), foram criadas as categorias temáticas prévias para a análise dos dados: 1) *como as crianças percebiam o espaço onde brincavam juntas*: trata da descrição e representação dos espaços, incluindo o que gostavam, o que não gostavam e o que preferiam; 2) *como se apropriavam deste espaço*: como utilizavam e transformavam estes espaços para suas brincadeiras; 3) *como gostariam que estes espaços fossem estruturados*: inclui as sugestões para que estes

espaços fossem melhor estruturados para suas brincadeiras.

Os tipos de brincadeiras produzidas pelas crianças foram analisados a partir da classificação de Moraes e Otta (2003), que classificam os tipos de brincadeiras como de exercício físico, de contingência social, de construção, turbulentas, com regras, de faz de conta, entre outras.

Apesar da indicação de algumas categorias temáticas prévias para a análise dos dados, vale ressaltar que as categorias finais de análise foram construídas empiricamente *a posteriori*, a partir do conteúdo das falas das crianças, considerando os argumentos teóricos que fundamentam essa pesquisa. As falas das crianças foram utilizadas em todo processo de construção dos resultados e análise dos mesmos tornando com uma proposta de coparticipação entre as crianças e o investigador (Gomes, 2013). Os dados foram ilustrados pelas maquetes, que demonstraram a percepção das crianças do grupo a respeito da rua onde brincavam e também como gostariam que esta rua fosse estruturada para suas brincadeiras.

Após entenderem os objetivos do projeto, procedimentos, possíveis riscos e benefícios e se sentirem suficientemente esclarecidos a respeito do mesmo, os pais/responsáveis leram e assinaram o Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido e concordaram com a participação de seu (sua) filho (a) na pesquisa. As crianças também foram esclarecidas e informaram se aceitavam ou não participar do estudo após a autorização de um dos responsáveis. Para tanto, a pesquisadora leu o Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido para a criança, que foi escrito com uma linguagem acessível e explicou sobre os objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios. Após todos os esclarecimentos e concordando com a participação, as crianças foram convidadas a assinarem o referido termo. A coordenadora da Instituição religiosa do bairro assinou uma declaração autorizando a execução da pesquisa no espaço da Instituição. Esta pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética direcionado pela Plataforma Brasil.

Resultados e discussão

Quatro crianças que brincavam juntas foram entrevistadas coletivamente e também construíram uma maquete. Foram elas: Mônica (10 anos), Célia (8 anos), Igor (10 anos) e Vinicius (11 anos), sendo os nomes fictícios. Para entender como este grupo de crianças percebia e se apropriava do espaço onde brincavam juntas, primeiramente é importante compreender que espaço era este para o grupo. Quais os locais mais relevantes para suas brincadeiras, como pode ser visto abaixo:

Pesquisadora: Onde vocês gostam de brincar quando estão nos espaços públicos do bairro de vocês?

Vinicius: Na Fábrica

[Todos concordaram com sons e repetindo a palavra Fábrica]

Igor: Quando a gente joga do lado da fábrica tem uma mulher lá que pega a bola.

[Todos concordaram]

Igor: Ela pega as nossas bolas e dá para a sobrinha dela.

Mônica: A gente joga a bola lá sem querer. A gente não faz por querer não.

Pesquisadora: E quando vocês jogam na frente da Fábrica, o que acontece?

Igor: A gente joga quando o pessoal não tá lá. Senão aí ia ficar incomodando a zoadá. Aí quando dá para jogar bola eu pego a bola na casa da minha irmã e a gente vai.

Pesquisadora: Vocês gostam de jogar bola e o que mais?

Igor: Brincar de vôlei, corrida, pega-pega, esconde-esconde

Mônica: Sete pedrinhas

Igor: Elefante colorido

Examinadora: O que é Elefante colorido?

Mônica: Elefante colorido. Tipo vôlei.

Pesquisadora: E onde vocês mais gostam de brincar lá?

Todos: Na Fábrica

[Todos concordaram]

Na fala das crianças fica clara a opção em brincar ao lado e em frente à Fábrica. Todas as crianças concordavam que lá era o local onde brincavam e onde preferiam brincar. Diversas brincadeiras eram feitas neste lugar – futebol, vôlei, sete pedrinhas, corrida, pega-pega, esconde-esconde, elefante colorido. Entretanto, surgiu logo de início um problema coletivo com o mesmo. Ao lado da fábrica tem uma pessoa - “Mulher” – que pega a bola e dá para a sobrinha dela, e na frente da Fábrica só conseguem jogar bola quando não há a presença de outras pessoas, pois o barulho incomoda a brincadeira.

Como foi dito na descrição do contexto na seção de métodos, tratava-se de uma rua larga, porém com muitos carros estacionados, presença de oficinas, salão de beleza, entre outros comércios, muitas residências e sons altos. Entretanto, era na rua que as crianças conseguiam se reunir. Era em frente e ao lado da fábrica onde conseguiam ter mais espaço para brincadeiras que, segundo Moraes e Otta (2003), podiam ser classificadas como brincadeiras de exercício físico (correr), de regras (futebol, sete pedrinhas, vôlei, elefante colorido) e de contingência social (pega-pega, esconde-esconde). Para todas elas precisava-se de espaço. Nas calçadas as crianças não conseguiam brincar, já que os carros se encontravam estacionados.

Após as crianças falarem sobre onde brincavam e do que gostavam de brincar na rua, começou-se a discutir no grupo sobre onde elas não gostavam de brincar e o que as incomodava mais nas ruas. Desde o início, este foi um tema que começou a surgir na fala das crianças, entretanto, desta vez o tema foi estimulado, o que levou os participantes a falarem mais sobre o assunto, como pode ser visto abaixo:

Pesquisadora: Se vocês pudessem falar com o prefeito, o que vocês gostariam de mudar na rua de vocês?

Vinicius: Queria colocar um campinho.

Igor: Tirasse a Fábrica, botasse um campo e mudasse aquela...

Vinicius: Mudasse aquela luz que fica toda hora acendendo e apagando.

Igor: E que tirassem aquela mulher...

[rsrsrs de todos]

Mônica: Que fica toda hora pegando a nossa bola...

Vinicius: E que tirassem os carros que ficam lá atrapalhando.

Igor: As oficinas velhas.

Pesquisadora: E o que vocês acham que incomoda mais na rua?

Vinicius: A zoada.

Igor: E tem gente que coloca o carro na rua atravessado e tinha um homem chamado L. que não queria que a bola pegasse no carro dele, senão ia ter problema. Aí a gente chama de carro de ouro.

Mônica: Todo mundo chama de carro de ouro.

Pesquisadora: Vinicius também falou da zoada. Em que a zoada incomoda?

Vinicius: O som alto.

Igor: Fica tun, tun, tun.

Vinicius: Treme tudo dentro de casa.

Pesquisadora: E é todo dia?

Igor: Quase todo domingo tem festa.

Pesquisadora: E o que vocês acham desta festa?

Vinicius: É até boa. Ruim é só o som. Eles botam muito alto. Só que agora eles não estão colocando muito som por causa da SUCOM. A SUCOM já levou dois sons na rua.

Pesquisadora: E tem alguma coisa mais que vocês gostariam de falar sobre o bairro de vocês?

Célia: Que tirassem o lixo da porta dos outros.

Igor: Que tirassem a macumba.

Mônica: Que prendessem esses caras que ficam perturbando a gente.

Os incômodos na rua onde brincavam foram diversos na percepção das crianças. Estas citaram a presença de carros estacionados, da oficina mecânica, da luz do poste queimada, da falta de campo de futebol, do som alto, dos rituais religiosos (“macumba”), das pessoas que pegavam a bola e que os agrediam na rua. Todas elas deram suas contribuições e, na medida em que os colegas falavam, elas concordavam e lembravam-se de mais algum problema. Nota-se que todos eram problemas sérios e que refletiam a falta de organização e respeito na ocupação coletiva do espaço público, além da falta de segurança.

As crianças em suas falas denunciaram tanto a privatização dos espaços públicos, ao falarem do excesso de carros estacionados nas calçadas e ruas, provenientes, em sua maioria, da oficina mecânica, quanto falaram do desrespeito com o coletivo, ao se incomodarem com o som alto notificado pela SUCOM (Secretaria Municipal de Urbanismo), com a sujeira provocada pelos rituais religiosos e também pela falta de segurança ao terem que conviver com adultos que os agrediam fisicamente e verbalmente.

De acordo com Oliveira (2004), ter a oportunidade de exercer a cidadania desde criança é se ter o direito de andar pelas ruas como qualquer pessoa, ter os seus deveres e utilizar o espaço público, que é um bem de todos. Desde a implementação da Convenção sobre o Direito das Crianças, promovido pela Assembleia Geral da ONU em 1989 e do

Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, no Brasil (BRASIL, 1999), tem se discutido sobre o direito das crianças de influenciar nas decisões sobre a sua cidade; expressar suas opiniões sobre o que querem e precisam; andar com segurança nas ruas, por conta própria; encontrar os amigos e jogar; ter espaços verdes para plantas e animais; ser cidadãos iguais com acesso a todos os serviços.

Após as entrevistas foi solicitado para as crianças que elaborassem uma maquete da rua onde brincavam. Para tanto foi oferecida a seguinte consigna: *“Agora a gente vai fazer uma atividade que é a maquete. Vocês vão fazer a rua de vocês. Aqui tem este isopor, umas casinhas feitas com caixas de leite, uns prédios, escadarias, papel, cola, tesoura, hidrocor, lápis de cor, lápis preto e durex e vocês vão escolher o que tem a ver com a rua de vocês e montar aqui como se fosse a rua. Se vocês quiserem podem escrever o nome de cada local em cima”*.

Ao se depararem com o material logo as crianças começaram a manipula-lo e a montar a maquete. Todos participaram com entusiasmo e também verbalizando as suas intenções, com o objetivo de chegar a um consenso no grupo. Não foram observadas muitas divergências ao longo da construção da mesma. Abaixo pode-se ver o diálogo das crianças com a pesquisadora a respeito da maquete.

Igor: Aqui tem uma casa. De Dona J., a casa de JO.

Mônica: Não é aí não.

Igor: A casa de JO. é aqui sim... Tem umas casas aqui.

Mônica: Tem dois prédios ali...

Vinicius: A fábrica fica aqui. Este prédio parece com a Fábrica [Colocando no centro da rua]

Pesquisadora: A fábrica fica bem no meio?

Vinicius: Sim.

Igor: Aqui é a casa de coisinha...

Vinicius: Esta casa é tipo uma escada e tem uma oficina...

Mônica: E tem uma oficina...

Pesquisadora: Se vocês quiserem podem escrever em cima.

Vinicius: Aqui é a oficina. Aqui tem um salão.

Mônica: E aqui é a Igreja.

Pesquisadora: E o que está faltando para ficar parecido com a rua?

Todos: Os carros.

Nota-se que com esta expressão gráfica as crianças conseguiram reproduzir a sua rua com bastante detalhes, com uma preocupação para que as casas mais importantes e pontos comerciais fossem colocados. Não poderia faltar a Fábrica, personagem principal deste cenário, e também a Oficina mecânica (Figura 1).

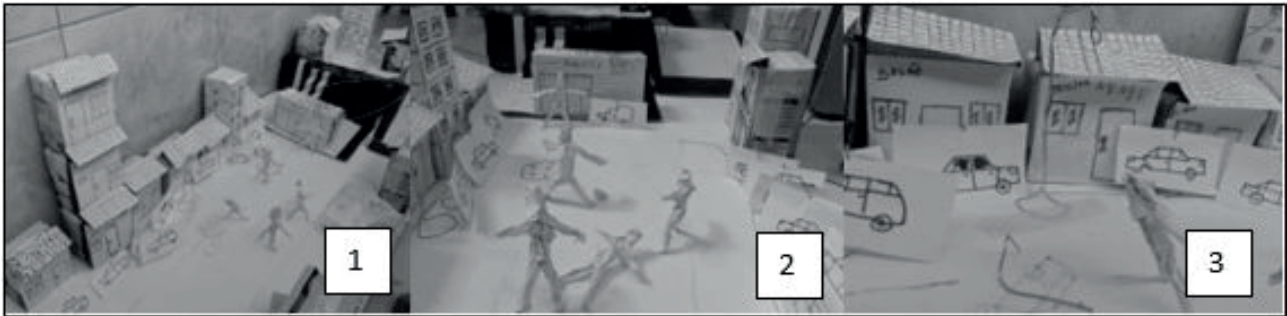


Figura 1: Maquete elaborada pelas crianças. 1. Apresenta a percepção das mesmas a respeito da rua onde brincam; 2. Panorama do jogo de futebol. Ao fundo pode ser vista a Fábrica e uma escadaria em preto. 3. Presença de carros estacionados nas calçadas e nas ruas, na frente da oficina e do salão de beleza.

Pode ser confirmado através da maquete que este grupo de brincantes atribui significados diversos para o espaço da rua. “A Fábrica onde jogam bola”, “A escadaria ao lado da Fábrica”, “Nossa casa”, “O prédio da Banca”, “A Oficina de Neneu”, “O salão de beleza”, “O jogo de futebol”. É neste contexto que alguns personagens vão surgindo ao longo do discurso e da expressão gráfica das crianças. A mulher que pega a bola e dá para a sobrinha, o menino que os perturba e bate, o dono da oficina mecânica que estaciona os carros nas ruas e calçadas e, assim, as crianças parecem falar de um lugar comum a todos, um lugar em que estão devidamente apropriados, tanto por o ocuparem quanto por o modificarem a partir de seus significados e culturas, que vão sendo relatados ao longo do processo de construção da maquete e dos diálogos.

De acordo com o conceito de apropriação, esta deve envolver uma ação-transformação de um espaço alheio e também o reconhecimento deste espaço transformado, como continuidade à sua identidade (Pol, 1996). Fica claro que estas crianças se envolvem com o espaço da rua e com tudo que está ali presente. Se identificam, tanto envolvendo sensações de agradabilidade quanto de desagrado.

No segundo encontro com este grupo foi solicitado que os participantes modificassem a primeira maquete construída por eles, com a finalidade de obter mais informações acerca de como gostariam que sua rua fosse estruturada para atender suas necessidades coletivas. Para tanto, foi apresentada a seguinte consigna: “*Olá crianças. Na semana passada vocês confeccionaram esta linda maquete. Vocês gostaram? [Espaço para as colocações das crianças]. Quem pode me dizer o que tem aqui? [Espaço para as colocações das crianças]. Se vocês pudessem mudar agora algo em sua rua, o que vocês mudariam? [Espaço para as colocações das crianças]. Vocês podem fazer estas modificações na própria maquete*”.

Participaram deste segundo encontro as mesmas crianças presentes no primeiro. Todas elas realizaram a modificação da maquete, demonstrando mais uma vez entusiasmo em participar da atividade e contribuindo com sugestões de mudanças.

Igor: Tirava aqui [Apontando para a Fábrica] e colocava um campinho.

Pesquisadora: As casas não dariam para tirar. E a Fábrica, será que poderíamos tirar?

Todos: Podia

Mônica: Colocava qualquer coisa...

Célia: Um campinho.

Mônica: Colocava um parquinho dentro da Fábrica.

Vinicius: Era bom se colocassem um campinho e que consertassem o poste.

Pesquisadora: Então é este espaço aqui que vocês acham que deveria mudar? [Apontando para a Fábrica. Lado e frente].

Mônica: Tiraria um monte de gente fofoqueira.

Pesquisadora: Mas e no espaço da rua? O que mais vocês modificariam?

Igor: Queria que a Fábrica fosse assim. [Puxa neste momento a Fábrica para frente, deixando um espaço atrás]. Que pegassem e colocassem um Parquinho e um Campinho atrás da Fábrica.

[Todos concordam com a cabeça e com sons]

Percebe-se através da fala das crianças o quanto elas se apropriavam do Espaço que a fábrica ocupa na rua. Por mais que se tenha sugerido que as casas não poderiam sair do lugar, todos consideraram que a Fábrica deveria sair dali. “Chegar mais para frente”, conforme a movimentação sugerida por Igor (10 anos), de modo que coubesse um parquinho e um campinho, ou “qualquer coisa”, segundo a fala de Mônica (10 anos). Ao analisarmos a maquete alterada notamos que as sugestões das crianças foram bastante realísticas e, com o envolvimento dos gestores públicos seriam possíveis de serem planejadas e executadas (Figura 2).

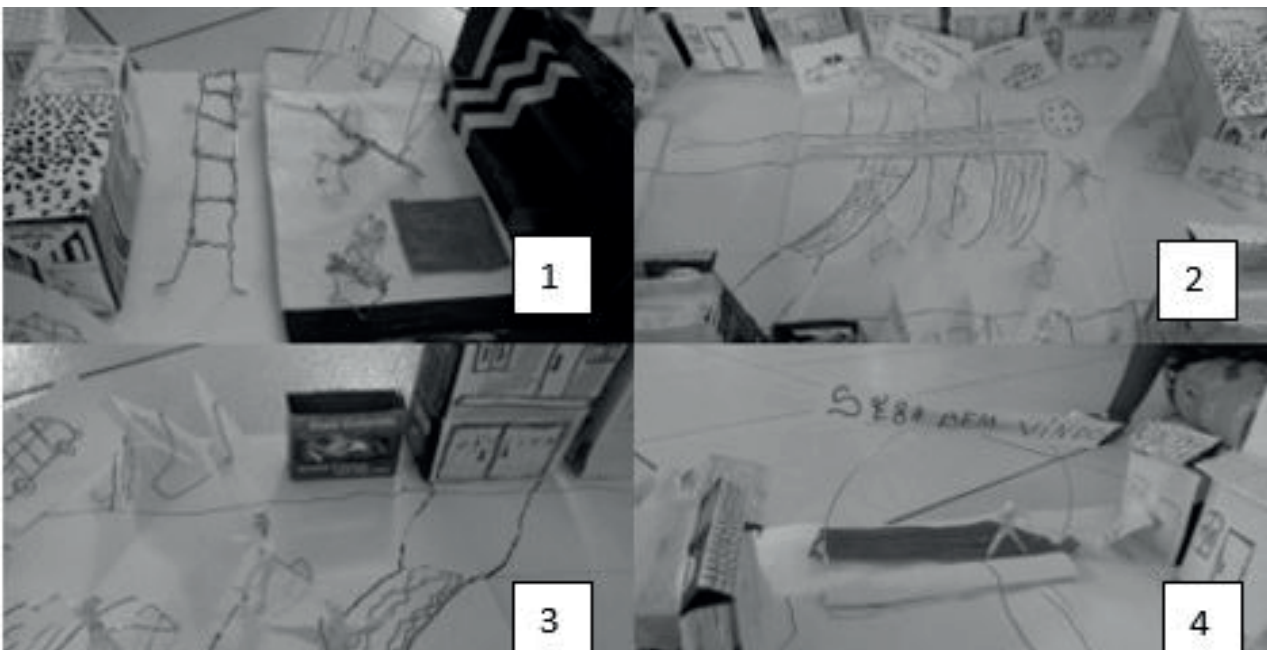


Figura 2: Maquete elaborada pelas crianças a respeito de como gostariam que a rua fosse estruturada para eles brincarem. 1. Parquinho e campo de futebol (em verde) e escadas que podem ser transformadas em arquibancadas para o campo. A fábrica foi puxada para frente; 2. Rua com uma menor quantidade de carros estacionados, mais espaço para o futebol na frente da fábrica e marcações no chão; 3. Coletor de lixo para a rua (caixa de cola colorida); 4. Uma placa de “seja bem-vindo” no início da rua.

Ao observarmos a placa de “*Seja bem-vindo*” na parte 4 da figura 2, dá para se perceber uma criança na entrada da placa, o que pode levar a diversas interpretações sobre este desejo: Seria ali um lugar onde as crianças pudessem ser respeitadas? Em que as crianças colaborassem para os cuidados com o espaço? Seria um lugar em que elas se sentiriam proprietárias do mesmo? Um lugar em que todos pudessem ser acolhidos? Que conceito ideal de rua as crianças trazem nesta expressão gráfica?

Além das sugestões feitas pelas crianças serem consideradas realísticas, já que o que solicitaram para a rua é a maior presença de espaço para que todos possam transitar, um coletor de lixo para que a rua fique mais limpa, um parquinho e um campinho para as crianças brincarem próximas às suas residências, tais sugestões também refletem a sua própria cultura.

Foi possível observar que ao mesmo tempo que as crianças falavam sobre assuntos que aprenderam dos adultos, como a importância da SUCOM para fiscalizar e recolher os aparelhos de som das ruas, elas também elaboraram uma nova interpretação dos temas que perpassavam o seu cotidiano e contextos lúdicos. O portão da Fábrica se transformou em uma trave para o gol, a Fábrica poderia ser puxada para frente para que coubessem espaços como um parquinho e um campinho, as escadarias atrás da Fábrica poderiam se transformar em arquibancadas para o campo, entre outras.

De acordo com Corsaro (2009), as crianças aprendem informações do mundo adulto, são afetadas pelas culturas das quais participam, entretanto, não a internalizam de uma forma passiva, mas contribuem ativamente para a produção e mudança cultural, criando suas próprias culturas. Segundo Vygotsky (2000), as significações social e historicamente produzidas, constantemente resignificadas e apropriadas pelas crianças podem ser consideradas como motores do seu processo de desenvolvimento.

Considerações finais

Durante toda a pesquisa notou-se que as crianças tiveram muito o que dizer, com interesse em serem ouvidas. Estas colaboraram ativamente com todas as atividades sugeridas, expuseram suas ações e sugestões acerca dos espaços públicos que frequentavam, indicando que espaços eram estes, quais as brincadeiras desenvolvidas, o que gostavam, não gostavam, o que preferiam e também como gostariam que estes espaços fossem estruturados para suas brincadeiras.

Este estudo deixa claro o quanto as crianças são capazes de realizar uma nova interpretação dos temas que perpassam o seu cotidiano e contextos lúdicos. Ficou nítida sua capacidade de perceber e se apropriar do espaço onde brincavam, criando culturas e resignificando espaços planejados ou não planejados para o público infantil. As crianças os transformavam fisicamente e simbolicamente em suas brincadeiras cotidianas e produziam lugares com um valor específico para elas.

Considera-se a utilização da investigação participativa como fundamental nessa pesquisa. Em todo o trabalho buscou-se, na medida do possível, que as crianças tivessem coparticipação em algum nível, contando com elas como informantes privilegiados sobre a infância. Desde a elaboração da demanda para a execução do trabalho até o respeito ao grupo durante o processo de produção de dados. A utilização de diferentes expressões de linguagens, tais como as entrevistas e maquetes viabilizou que os pensamentos das crianças fossem entendidos independentemente da faixa-etária e maturação cognitiva (Soares, Sarmiento & Tomás, 2004; Elsej, 2004; Rasmussen, 2004; Soares, 2006; Campos, 2008;

Francischini & Campos, 2008; Rocha, 2008).

Através da utilização de uma metodologia participativa, possibilitou-se que as falas fossem expandidas e muitas vezes a própria técnica gráfica falava por si. Este procedimento marca seu pertencimento à cultura, respeitando diferentes vivências e maneiras de subjetivação. Ressalta-se que o fato das crianças saberem o que dizer e terem contribuído tanto para o conhecimento acerca de suas demandas sobre os espaços públicos é mais um indicativo de que a infância precisa ser entendida sob a ótica da própria criança e, desta forma, sugere-se que mais estudos utilizando a metodologia de investigação participativa com crianças sejam elaborados, ampliando as técnicas de produção de dados, de modo a compreender-se a infância de uma maneira mais fidedigna e condizente com o seu modo de agir e pensar. Pretende-se também com este artigo despertar a atenção da comunidade acadêmica e da sociedade a respeito da necessidade de se ouvir as sugestões das crianças sobre as questões referentes à nossa cidade, incentivando a sua participação política e exercício da cidadania, como lhe é de direito.

Referências

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BRASIL (1999). *Estatuto da Criança e do Adolescente: promulgado em 13 de julho de 1990*. 9. ed. São Paulo: Saraiva (Coleção Saraiva de Legislação).
- Campos, M. M. (2008). Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: Cruz, S.H.V. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Carvalho, A. M. A.; Beraldo, K. E. A.; Pedrosa, M. I.; Coelho, M. T. O uso de entrevistas em pesquisas com crianças (2004). *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 291-300, mai./ago. Disponível em: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 291-300, mai./ago.
- Corsaro, W. A (2009). Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: Muller e Carvalho (Orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, cap. 1.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. 2ª ed. (L. Gabriele Regius Reis, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, S. H. V. (org.) (2008). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, p.11-31.
- Elsy, S. (2004). Children's Experience of Public Space. *Children & Society*. 18, 155-164. DOI: 10.1002/chi.822
- Francischini, R.F. & Campos, H.R. (2008). Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas. In: Cruz, S.H.V. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gomes, S. T. (2013). *"Lá no parque tinha uma casinha"*: Dialogando com crianças sobre a brincadeira na educação infantil. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia. UFBA, Salvador-BA.
- Gouveia, E. R.; Gomes, R. M. R.; Miro, J. M. R. (2014). O uso de maquetes como instrumento didático em geografia junto a deficientes visuais. Vitória/ ES. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Disponível em: <<http://www.cbg2014.agb.org.br/>>

resources/anais/1/1404305370_ARQUIVO_OusodeMaquetecomoinstrument>.

- Moraes, M. S. & Otta, E. (2003). Entre a serra e o mar. In: A.M.A. Carvalho; C.M.C. Magalhães, F.A.R. Pontes; I.D. Bichara (Orgs) *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca*. (p.127-1576). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, C. (2004). *O ambiente urbano e a formação da criança*. São Paulo: Aleph.
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem UERJ*, 16(4), 569-576. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/revenfermuerj.html>>
- Pino, A. (1995). Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. *Temas em psicologia*, 2. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1995000200005&lng=pt&nrm=iso>.
- Pol, E. (1996). La apropiación del espacio. *Cognición, Representación y Apropiación del Espacio* (Iñiguez, L. & Pol, E., Comp.) Colección Monografías Psico/socio/ambientales. 9, 45-62. Publicacions Universitat de Barcelona.
- Rasmussen, K. (2004). Places for children - children's places. *Childhood*, 11(2), 155-173.
- Rocha, E. A. C. (2008). Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: Cruz, S.H.V. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Sarmiento, M.J. (2002). *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal Disponível em <http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm>.
- Sarmiento, M.J (2005). Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, 26(91), p. 361-378, Maio/Ago. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>>.
- Soares, N.F.; Sarmiento, J. & Tomás, C. (2004). Research on childhood and children as researchers: participatory methodologies of social words of the children. *Sixth International Conference on social Methodology. Recent Developments and Applications in Social Research Methodology*. Amsterdã, 16-20, Agosto. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/266876998>>
- Soares, N.F. (2006). A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, 6(1), 25-40, Jan/Jun. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/242096109>>
- Vygotsky, L. S. (2000). O papel do brincar no desenvolvimento. In: *A formação social da mente*. 6ª ed. (J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche trads.). São Paulo: Martins Fontes, 121-138.